

“AMULETO CONTRA O VÍRUS”: sentidos da escuta radiofônica entre pacientes hospitalizados ¹

“AMULET AGAINST THE VIRUS”: meanings of radio listening among hospitalized patients

Nilda Jacks ²

Resumo: O texto toma uma reportagem veiculada no Caderno DOC do Jornal Zero Hora com depoimentos sobre a presença de aparelhos de rádio no CTI do Hospital de Clínicas de Porto Alegre/RS. Retoma pesquisas de recepção de rádio e articula com os referidos depoimentos.

Palavras-Chave: Rádio. Recepção. Pandemia.

Abstract: The text takes a report published in the Caderno DOC by Jornal Zero Hora, with testimonies about the presence of radio devices in the CTI (Intensive Care Unit) of the Hospital de Clínicas from Porto Alegre / RS. Retakes radio reception researches and articulates with these mentioned testimonies.

Keywords: Radio. Reception. Pandemic.

1. Introdução

O título desse texto reproduz o de uma reportagem publicada em Zero Hora (ZH, Caderno DOC 6 e 7/2/2021), jornal gaúcho fundado em 1964 e pertencente ao Grupo RBS, com circulação atual de 125 mil exemplares por edição (impresso e digital), o que corresponde aproximadamente a 863 mil leitores declarados (KANTAR IBOPE MEDIA, 2020). A autoria é da repórter Larissa Roso e do fotógrafo André Ávila, que em 29 de Janeiro passaram algumas horas no Centro de Tratamento Intensivo (CTI) do Hospital das Clínicas de Porto Alegre (HCPA), para flagrar um acontecimento comovedor que envolvia doentes acometidos da COVID 19 em tratamento intensivo, entre a vida e a morte.

Segundo a reportagem, para animar os enfermos, uma enfermeira (depoimento em: gzh.rs/RadinhoDaAlta) teve a ideia de levar um velho rádio, o qual a acompanhara desde que

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Recepção, Circulação e Usos Sociais das Mídias do XXX Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo - SP, 27 a 30 de julho de 2021

² Professora do PPGCOM/UFRGS, pesquisadora do CNPq. E-mail: njacks@ufrgs.br.

o marido foi viver em outro país, para as dependências hospitalares. Ela conta que o rádio lhe fizera companhia para superar a ausência do companheiro e que isso a inspirou a doar o rádio para uso dos pacientes: “Olhei para o rádio um dia e pensei: ele me fez tão bem, me faz tão bem. Vou levá-lo para fazer bem para os pacientes”.

Os depoimentos contidos na reportagem são emocionantes tanto de parte dos pacientes, quanto das enfermeiras e psicólogas que trabalham no setor. A emoção que senti ao ler a matéria me remeteu a outra situação em que o rádio era protagonista, por ocasião da orientação de uma dissertação de mestrado – “Os sentidos culturais da escuta: rádio e audiência popular”³ - cujo objeto era a recepção de rádio por mulheres de classe popular, moradoras da periferia de Porto Alegre.

Depois do exame de qualificação do projeto, a orientação foi realizada via email porque viajei para pós-doutoramento na Universidade de Copenhague. Nesse processo, diariamente, durante 10 dias, recebi histórias de vida das mulheres estudadas, contado sua relação com o rádio, o qual acompanhou suas trajetórias em diversas etapas, relatando a importância dele para enfrentar dificuldades e as rotinas diárias.

À distância, e em processo de inserção em outro e novo cenário social, os relatos reconstruindo as realidades dramáticas daquelas mulheres me impactaram muito. Emoção, tristeza e desconforto vinham à baila a cada novo dia e novo relato sobre as vidas sacrificadas das entrevistadas.

Foram esses dois momentos que me levaram imediatamente a querer escrever esse texto, salientando que não sou pesquisadora dedicada ao rádio, tampouco pesquisei diretamente sua recepção. Entretanto, orientei algumas pesquisas sobre recepção de rádio (Grisa, 1999; Moraginsky, 2010; Guerin, 2000), venho acompanhando o estado da arte dos estudos de audiência de rádio (JACKS et al, 2008, 2014, 2017), além de ter coordenado uma pesquisa integrada (Jacks et al., 2012) onde o rádio porto-alegrense foi analisado (Golin, 2010). Acima de tudo, porém, sou movida pela oportunidade que aproveitar depoimentos testemunhando a relação com o rádio, entre pacientes com Covid, em um momento tão trágico de suas vidas e da humanidade.

³ Publicado como: “História de ouvintes. A audiência popular no rádio” (Jairo Grisa). O trabalho foi premiado pela INTERCOM como melhor pesquisa de rádio no ano de 2000.

Secundária e indiretamente, por outro lado, é uma oportunidade de trazer outra vez para o debate a questão da inserção do pesquisador em campo, muitas vezes confundido⁴ com repórteres (Auyero; Grimson, 1997), pois os procedimentos se assemelham na coleta dos dados ou porque, como relata Auyero e Grimson, os informantes vêm uma oportunidade de fazer alguma reivindicação “através da mídia”. Soma-se a isso a discussão sobre a pertinência da utilização de dados secundários, nesse caso publicados na imprensa, estratégia já realizada por muitas pesquisas, mais comumente analisando as cartas dos leitores. A proposta aqui é analisar dados trazidos por uma reportagem, “tática possível” para flagrar a experiência extrema dos pacientes vitimados pela COVID 19 como receptores..

2. Recepção de rádio: experiências antecedentes

Em “Os sentidos culturais da escuta: rádio e audiência popular” (Grisa, 1999), dissertação sob minha orientação, o autor constata a existência de vários sentidos produzidos na recepção de uma rádio de audiência popular, entre mulheres de estrato baixo. Eles são ligados às razões que fazem com que as pessoas entrem em contato com o meio, às suas sensações durante as audições, e ao significado existente por trás dessa relação, na perspectiva do passado, presente e futuro.

O sentido mais constante e forte encontrado foi o de *solidariedade*, pois a rádio era vista pelas mulheres como promotora da ajuda, preocupada com os doentes, necessitados, desamparados e aflitos, que, sozinhos, não dão cabo de suas dificuldades.

O sentido *lúdico* era responsável pela promoção de alegria, do lazer e da diversão, pois o rádio serve tanto como apoio às situações adversas como um instrumento de entretenimento. Surge como uma esfera de escape, na qual algum prazer impossível nas situações concretas da vida torna-se possível. O sentido *afetivo*, por sua vez, promovia uma certa intimidade das mulheres com a rádio, pois ela não nega os sentimentos da ouvinte, mas vale-se dele para poder se aproximar.

Dos sentidos lúdico e afetivo adveio o de *parceria*, no qual o rádio tornava-se um companheiro em momentos de solidão das ouvintes, assim como durante o trabalho, quando não tinham com quem conversar. Com o sentido de *distinção social*, por outro lado, as ouvintes adquiriram a noção de si mesmas como parte de uma determinada camada social, uma espécie de consciência da sua inserção dentro da malha social. Aliado a esse sentido,

⁴ No caso relatado por Guber (2001), com o serviço de informação/ espionagem do governo argentino.

aparece o de *segurança ontológica*, com o qual as ouvintes obtêm a afirmação de sua identidade humana. Havia também o sentido *pedagógico*, pois, com o rádio, as ouvintes aprendiam, e esse aprendizado não era apenas formal ou pontual, através de notícias ou de eventos, mas humano e “total”, responsável por uma conscientização mais ampla do mundo e da vida. Outro sentido, típico das lembranças do passado, era o de *ritualização*. O ato de ouvir rádio era evento raro e excepcional à vida, caracterizando-se assim como um momento mágico e marcante, no qual boa parte da família e amigos de reuniam apenas para escutar a programação. No presente, entretanto, dada a rotineira presença do rádio na vida das ouvintes, perdeu-se o sentido ritualístico, tornando-se a audição um fato cotidiano. Por fim o sentido de *comunhão*, porque o rádio é também um unificador e integrador dos espaços sociais ocupados e vividos por suas ouvintes.

Em uma estratégia metodológica de longo alcance, uma década depois, outra dissertação sob minha orientação, “Relações de solidariedade: rádio e audiência popular” (Moraginsky, 2010), tomou por base a pesquisa de Grisa (1999), em um esforço de propor uma análise longitudinal, estudou o sentido mais proeminente detectado por ele. Assim, a pesquisa explorou as relações de solidariedade entre receptores e o mesmo programa, comandado, então, por outro comunicador, recuperando a análise do sentido cultural da noção de solidariedade explorada na pesquisa original.

Entre as duas pesquisas acima, a dissertação “Trajetória dos receptores: histórias de vida e resgate das mediações” (Guerin, 2000), mesmo sem foco no rádio, mostra que ele fazia parte da memória de dois idosos, cujas histórias de vida foram exploradas para verificar as práticas midiáticas realizadas durante suas trajetórias. Para os entrevistados, entre outros aspectos, o rádio conectava várias temporalidades, a que viviam no interior do Rio Grande do Sul à nacional e à internacional, através das notícias que recebiam. Era a forma de situarem-se nos acontecimentos que extrapolavam seu universo isolado na zona rural, no início do século XX.

Por fim, como parte de uma pesquisa integrada (Jacks, Morigi, Oliveira, 2012), em “O rádio como monitor do trânsito, termômetro e cronômetro da cidade” (Golin, 2010) foram analisados seis programas de emissora porto-alegrenses, os quais, na sua condição ubíqua de serviço e companhia, atuavam como guia da mobilidade física dos receptores. Linguagem temporal e sem parâmetros estáticos, o rádio funciona em tempo real e cumpre a função de

termômetro e cronômetro da cidade. Desvela a condição de metrópole, mas também o tempo lento do bairro⁵.

Foram essas experiências e os dados revelados pelas análises realizadas que fizeram a conexão com a reportagem em questão, especialmente em relação a alguns sentidos que coincidem, e com a performance radiofônica pautando os tempos da vida e do cotidiano.

A seguir são apresentados depoimentos colhidos na reportagem de ZH, a partir dos quais teceremos comentários a partir da reflexão sobre os sentidos da escuta (Grisa, 1999; Moraginsky, 2010), das memórias radiofônicas (Guerin, 2000) e da programação radiofônica local (Golin, 2010).

3. Pacientes com Covid 19: a companhia do rádio no CTI

A reportagem de ZH relata a experiência de quase seis meses de presença do rádio no CTI do HCPA. Para tal, os repórteres permaneceram quatro horas na Unidade C, quando entrevistaram algumas pessoas da equipe, realizaram “uma breve roda de bate-papo” para capturar as lembranças de alguns pacientes da unidade de internação, e observaram “os radinhos em ação”, ou seja, visitaram os dez boxes de internação da Unidade, para testemunharem sua presença e utilização. Guardando as proporções e diferenças de abordagem, os procedimentos adotados remetem a alguns movimentos feitos pela etnografia: entrevistas, conversas informais e observação com registros fotográficos para descrever espaços e ações. No campo acadêmico, em casos semelhantes, ou seja, de procedimentos laxos, Antônio La Pastina⁶ nomeia de “etnografia aguada”.

“A introdução do primeiro radinho no ambiente hospitalar foi relatada pela enfermeira que teve a ideia de levá-lo, a qual reproduziu o momento de sua chegada: “Bom dia. Vamo se animar!” (Sic), dirigindo-se a um paciente que foi hospitalizado em estado gravíssimo e que estava em lenta recuperação, tendo que reaprender muitas ações da fase infantil, como engolir. A enfermeira relembra que sintonizou em uma música sertaneja e começou a dançar com uma colega à vista do paciente, o qual mudou radicalmente de ânimo, contou à reportagem.

⁵ Além dessas pesquisas empíricas, nos volumes I, II e III de Meios e Audiências (JACKS et al., 2008, 2014, 2017) foram analisadas as pesquisas sobre recepção de rádio defendidas nos PPGCOMs brasileiros.

⁶ Em palestra proferida no PPGCOM/ UFRGS em 18 de maio de 2004: “Etnografia e a relação entre mídia e audiência”.

Um dos sentidos identificados na pesquisa de Grisa (1999), o *lúdico*, mostra semelhança com a situação vivida pelo paciente, uma vez que corresponde à sensação de alegria e de diversão, papel desempenhado pelo rádio quando a situação tornava-se adversa na vida das mulheres por ele entrevistadas, com o objetivo de conhecer suas histórias de vida e a presença do rádio nessa trajetória.

A partir daquele primeiro evento, o rádio, segue o relato da reportagem, passou a ser encarado como uma ferramenta terapêutica, pois “conquistou a fama de impulsionar a melhora e promover alta breve para quem desfruta de seu cardápio musical e noticioso” (Caderno DOC, ZH, p.7). Entre os membros da equipe passou a ser chamado de “radinho da alta”. O rádio tanto elevava o ânimo e a disposição através da música, quanto situava os pacientes nos acontecimentos do mundo fora do hospital, através das notícias. Duas funções detectadas nas entrevistas a ZH.

Outros aparelhos chegaram ao CTI, com o sucesso do primeiro, e viraram companhia nas áreas de isolamento, onde familiares não podem entrar e, de acordo com uma das entrevistadas, “têm se provado benéficos, especialmente, para aplacar sinais de humor deprimido ou ansiedade”. Segundo a psicóloga do CTI, “O rádio é o meio mais eficaz para conectar as pessoas, é uma companhia, é fácil de levar junto” (Caderno DOC, ZH. p.9), argumento que vai ao encontro do estudo de Grisa, o qual verificou que um dos sentidos dados a ele, o da *parceria*, surgia nos momentos de solidão e desamparo, quando as mulheres não tinham com quem conversar e a quem recorrer. Esse sentido está muito conectado com o *lúdico e o afetivo*, esse último promovido pela linguagem emocional e íntima do rádio e pela proximidade que locutores e apresentadores estabelecem para vincular sua audiência.

No caso de pacientes muito debilitados que não conseguem segurar o celular, o rádio tem sido a única possibilidade de contato com o mundo exterior. “Estamos falando da possibilidade de conexão com o mundo externo, algo que a covid-19 tirou dos pacientes”, diz a referida psicóloga. Ela usa a metáfora do futebol para descrever a capacidade do rádio de trazer o mundo externo para dentro do hospital e situar os pacientes: “O narrador de um jogo de futebol precisa contextualizar, colocar o ouvinte dentro do estádio, uma coisa que acho muito bonita. A ambiência que o rádio oferece também é muito estimulante para o psiquismo.” (idem. Ibidem.).

Os profissionais entrevistados acrescentaram outros benefícios da presença do rádio no CTI: no processo de saída da sedação, ao ser retirado o ventilador mecânico, “a

programação radiofônica ajuda a situar o paciente e pode ser eficaz contra o delirium, síndrome que acomete hospitalizados, afetando o estado mental”; na reinserção no cotidiano, facilitado pela repetição da hora, data e previsão do tempo.

Essas observações da equipe cuidadora podem ser corroboradas pelo estudo de Cida Golin (2010:74) sobre a relação dos cidadãos com o rádio: “O rádio vive da temporalidade presente e cíclica, refletindo vários tempos possíveis e simultâneos (...). Ela enfatiza (Golin, 2010: 68) que “o veículo funciona como um relógio das rotinas diárias ao organizar e reproduzir os ciclos e as temporalidades locais (...)”. Ele também remete ao espaço urbano ao explicitar a todo momento desde onde as próprias emissoras transmitem as informações, assim como registra o local dos acontecimentos que divulga, entre eles a situação do trânsito. Ou seja, “entre o ponteiro do relógio e os boletins meteorológicos, são frequentes as narrativas sobre o trânsito” (Golin, 2010: 70), além de “uma perspectiva cartográfica de suas ruas e cruzamentos, de entrada e de saída da cidade” (Golin, 2010: p.71). Assim, ele traça “paisagens da cidade sonorizada pelas narrativas radiofônicas” (idem), porque “a proximidade estabelecida pelo rádio com seu território oferece uma perspectiva múltipla do espaço urbano” (Golin, 2010:73).

Guerin (2000), em seu estudo sobre a memória midiática carregada por seus entrevistados, identificou outra qualidade do rádio no que tange às temporalidades que conecta, estabelecendo uma conexão entre os diferentes tempos da vivência individual e social. O que também pode ser percebido na situação de internação, um processo de tempo lento em contraste com a velocidade da vida lá fora pautada pelo rádio, o que não deixa de ser uma forma de manter os pacientes no ritmo dos acontecimentos extramuros.

Quanto aos pacientes que conversaram com a reportagem, suas lembranças sobre a recente relação com o rádio foram as seguintes: sensação de voltar à vida ao ouvir sons conhecidos; acompanhamento e compartilhamento, com a equipe e pacientes, de informações sobre os desdobramentos da pandemia e sobre o desenvolvimento das vacinas⁷; conexão com o mundo espiritual ao acompanhar programas religiosos⁸ e audição de músicas prediletas que fazem parte de seu repertório afetivo⁹. O papel da música foi destacado também por um homem de meia idade que estando desenganado, recuperou-se, e relatou que ela soava “como se fosse um segundo oxigênio. Ela te alavanca, afasta a tristeza” (Caderno DOC. ZH: p.8).

⁷ Depoimento de um idoso.

⁸ Uma paciente associou a audição de um hino religioso com o anúncio de sua possível alta no dia seguinte.

⁹ Um músico ouvia os Ramones.

O relato dos pacientes traz à tona vários sentidos detectados por Grisa em sua pesquisa: os já citados *parceria*, *afetivo e lúdico*, os quais mantêm relação entre si, acrescentados do que foi nomeado por Grisa de *segurança ontológica*, com o qual as ouvintes obtinham a afirmação de sua identidade humana. No caso dos pacientes com COVID, é possível ampliar esse sentido agregando o vislumbrado por eles na sua relação com a vida e a morte, situação vivenciada dentro da CTI.

Soma-se também o sentido *pedagógico*, como no caso do paciente que acompanhava as notícias sobre as vacinas e o desenvolvimento da doença, e de maneira mais ampla sobre o mundo e os acontecimentos da vida fora do hospital.

Por fim, o sentido de *comunhão*, que no estudo citado (Grisa, 1999) deve-se ao rádio como unificador e integrador dos espaços sociais ocupados e vividos pelas ouvintes, o qual no contexto da reportagem remete-se à audição compartilhada no cenário e drama hospitalar, que envolvem a equipe e os demais enfermos.

Entre os sentidos observados por Grisa e não identificados nos dados da reportagem está o de *ritualização*, relativo às atividades e práticas cotidianas que são pautados pelo rádio, o que no caso da hospitalização aponta para seu contrário, ou seja, a quebra total da vida e dos ritmos cotidianos. Por outro lado, o sentido da *solidariedade*, o mais destacado na pesquisa daquele pesquisador, e que foi explorado por Moraginsky (2010) 10 anos depois, dizia respeito ao programa analisado, que conclamava os ouvintes a serem solidários com os necessitados que recorriam ao programa em busca de ajuda de todas as naturezas. De outra forma, esse sentido revela-se no ato da enfermeira de levar o rádio para a CTI, penalizada com a situação precária e angustiante dos internados. A solidariedade, nesse caso, não ocorre através do rádio, mas simplesmente pela presença do aparelho como “ferramenta terapêutica”, como foi nomeado pela equipe hospitalar.

Por último, no processo de observação do ambiente encetado pela reportagem, ao visitar a ala dos acamados, o radinho foi visto como exercendo seu papel de animador dos internados. Uma das pacientes ouvia a música que tocava na emissora sintonizada; ao lado, o paciente pediu para sintonizar na emissora que costumava ouvir no carro; outro pediu para ser colocada uma música mais tranquila, entretanto optou por um programa de esporte durante a busca no dial.

Aqui, pode-se ponderar sobre as características de exposição ao meio, tanto quanto sobre os hábitos de consumo radiofônico. Em geral, o rádio acompanha as rotinas diárias

como pano de fundo das atividades, e a atenção, diferentemente dos outros meios que a exigem, não é total, ela é seletiva e na maioria das vezes descentrada. Isso não corresponde ao estudo de Guerin (2000), por exemplo, que resgatou memórias do tempo em que o rádio reunia as pessoas para escutar a programação, produzindo o que Grisa chamou de sentido *ritualístico*, mas que já não ocorre devido a muitos fatores.

Destaca-se que os sentidos estudados por ele se configuravam diferentemente no passado, presente e futuro, o que vai ao encontro do que defende Orozco (1996) quando afirma que a recepção é um processo histórico, que muda com as etapas da vida dos receptores. Por outro lado, não nascemos audiência, nos tornamos à medida que nos relacionamos com meios, gêneros e programas: o receptor “no nace, sino se hace” (Orozco, 1996:32).

Enfim, difícil identificar, por falta de dados, a situação de cada internado. Que levaria no primeiro caso a paciente a deixar-se levar que pelo estava sintonizado? Seria essa uma prática sistemática ou foi determinada pelas circunstâncias? Em outra etapa de sua vida foi diferente? Em qual e por que? Talvez nunca saibamos. Quanto aos outros casos, parece tratar-se de radiouvintes com hábitos mais consolidados ou com o ânimo melhor no momento para buscar suas preferências.

4. Tentativa de finalizar

Começo por dedicar esse texto à enfermeira Isis Marques Severo (ZH. DOC, 2021) que com um forte sentido de *solidariedade*, e agindo a partir de uma experiência na qual o rádio adquiriu um sentido de *parceria*, o levou para dentro de uma CTI. Em segundo lugar, através do trabalho dos repórteres de Zero Hora, reconhecer a importância da imprensa no registro de todas as agruras pelas quais estão passando nossa população durante a pandemia.

A partir dessas iniciativas, tomei-as como oportunidade para remeter a vivência radiofônica dos enfermos durante o período de internação, dramaticamente entre a vida e a morte, aos quadros teórico-empíricos de pesquisas que ajudei a construir, ao que talvez pudesse agregar outros estudos. A estratégia de revisitar caminhos percorridos para ampliar conhecimento sobre um objeto traz ganhos para o campo ao integrar, contrastar e/ ou complementar dados a partir de diferentes ângulos ou, e em alguns casos, de atualizá-los (ver Moraginsky, 2010).

De forma adjacente quis remeter ao debate sobre o trabalho de campo e às semelhanças percebidas entre o etnógrafo e o repórter (e outros agentes), no âmbito da discussão sobre a inserção do pesquisador em campo, em especial tratando de recepção e/ou consumo midiático.

Quanto aos depoimentos trazidos pela reportagem, acredito que foi revelador de mais uma faceta que interessa aos estudos de recepção, pois trata-se de uma situação inusitada, fora do âmbito da cotidianidade onde costumam atuar. Aspectos que fogem ao cotidiano pouco ou nada foram explorados nos estudos anteriormente analisados (JACKS et al, 2008, 2014, 2017). Situações extremas como essa, aqui minimamente apresentada, são inexistentes nos estudos brasileiros de recepção de rádio¹⁰ e acredito que sobre os meios também.

A pauta desenvolvida pela reportagem de ZH pode servir de alerta para os estudiosos do campo, pois é uma forma de verificar o papel dos meios de comunicação em situações extraordinárias e conhecer os sentidos configurados pela audiência nesses casos.

Referências

AUYERO, Javier; GRIMSON, Alejandro. "Se dice de mí...": Notas sobre convivencias y confusiones entre etnógrafos y periodistas. IN: **Apuntes de Investigación del CECYP**. N.1. pp.81-96. 1997.

GUERIN, Yhevelin Serrano. **Trajetória dos receptores: Histórias de vida e resgate das mediações**. Dissertação de Mestrado. PPGCOM/ UFRGS, 2000.

GOLIN, Cida. "O rádio como monitor do trânsito, termômetro e cronômetro da cidade". IN: **Em Questão. Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS**. Porto Alegre, V.16, N. Especial, Outubro de 2010.

GRISA, Jairo. **Histórias de ouvintes. A audiência popular no rádio**. Itajaí. Univali, 2003.

GUBER, Rosana. **La etnografía. Método, campo y reflexividad**. Buenos Aires. Norma, 2001.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Target Group Index**, São Paulo, jan. 2019-dez. 2019, 2020.

JACKS, Nilda (coord.); MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências: A emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

JACKS, Nilda (coord. e org.) et al. **Meios e Audiências II. A consolidação dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre. Sulina, 2014.

JACKS, Nilda (coord); et al. **Meios e Audiências III. Reconfigurações dos estudos de recepção e consumo midiático no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

¹⁰ Em relação a públicos com deficiência há um trabalho analisado em JACKS et. al (coord.), 2017.

JACKS, Nilda; MORIGI, Valdir; OLIVEIRA, Lizete Dias de. (coord.) **Porto Alegre Imaginada**. Porto Alegre: Observatório Gráfico, 2012.

MORAGINSKI, Adriana Rigo. **Relações de solidariedade: programa comando maior e audiência popular**. Dissertação. Mestrado em Comunicação – PPGCOM/ UFRGS, 2010.

OROZCO, Guillermo. **Televisión y audiências. Un enfoque cualitativo**. Madrid. Ediciones de la Torre/ Universidad Iberoamericana, 1996.

ZERO HORA. **Amuleto contra o vírus**. ZH, Caderno DOC 6 e 7/2/2021.